

# O ESPIRITISMO HOMEOPÁTICO NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX<sup>66</sup>

Marcos Moreira Marques<sup>67</sup>

## INTRODUÇÃO

Em 1849, a população da cidade do Rio de Janeiro correspondia a 266.466 habitantes, sendo 110.602 escravizados e 155.864 livres. Duas décadas depois, em 1872, a população passaria a ser de 274.972 habitantes, sendo 226.033 livres e 48.939 escravizados. (MATTOS, 2004, p. 232). Já em 1890, o Distrito Federal, ou cidade do Rio de Janeiro, apresentou uma população de 522.651 habitantes<sup>68</sup>, sendo 293.657 homens e 228.994 mulheres, representando um aumento de 90% em 18 anos, se comparada à população de 1872. No censo de 1900, as informações obtidas quanto à cidade do Rio de Janeiro foram descartadas devido a diversos protestos levantados por elementos conhecedores do processo de contagem populacional que apontaram erros graves no levantamento. Desta forma, o que se fez para determinar um número aproximado da

---

<sup>66</sup> Este artigo foi escrito a partir de um dos itens do primeiro capítulo da tese de doutorado: “A cura do céu. Cura e caridade espírita no Rio de Janeiro da Primeira República”, defendida junto ao PPGH da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) em 2021.

<sup>67</sup> Doutor em História, UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Membro do Laboratório de Estudos de Política e Ideologia – LEPIDE, e do NUESHE (Núcleo Estudos de História do Espiritismo) da UNIVERSO (Universidade Salgado de Oliveira), ambos cadastrados no CNPq. E-mail: marcos.moreira.marques@gmail.com.

<sup>68</sup> Recenseamento da República dos Estados Unidos do Brasil em 31 de dezembro de 1890. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Diretoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1895, p. XIV. Disponível em [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or6397/or6397.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or6397/or6397.pdf). Acesso em: 15 out. 2017.

população foi uma comparação entre a quantidade de habitantes em 1872 e em 1890, a fim de se obter uma taxa de crescimento, que foi de 0,0363 de crescimento geométrico médio anual. Sendo assim, ao aplicar essa taxa ao levantamento de 1890, estabeleceu-se que a população da cidade, em 1900, seria de 746.749 habitantes, sendo 419.569 homens (56,18%) e 327.180 mulheres (43,82%).<sup>69</sup>

Do ponto de vista do adoecimento e da morbidade, a Corte Imperial, assim como o resto do Império, passou a sofrer os efeitos de diversas epidemias que assolariam o Brasil a partir de 1850. Nesse ano, foi a de febre amarela, que levaria, oficialmente, 4.160 pessoas à morte, embora os números não oficiais considerassem até 15.000 vítimas, moléstia que voltaria com certa regularidade nos anos seguintes. (CHALHOUB, 1996, p. 61). Em 1852, foram 1.943 pessoas na Corte, em 1857, 1.868 mortos, e na década de 1870, respectivamente nos anos de 1873, 1875 e 1876, foram 3.659, 1.292 e 3.476 óbitos. (PIMENTA, 2015, p. 50; 151).

A cólera, pela sua velocidade de propagação e o alto grau de mortalidade, constituiu-se em outro flagelo da saúde pública da Corte Imperial ao longo da segunda metade do século XIX. Entre 1855 e 1856, a cólera matou 4.828 pessoas somente na cidade do Rio de Janeiro.<sup>70</sup> Em 1867, foram 423 óbitos na Corte e outros 600 em Campos, São João da Barra, São Fidélis e Cabo Frio. (PIMENTA, 2015, p. 161).

Ao lado da febre amarela e da cólera, imperavam as doenças consideradas endêmicas, como a varíola e a tuberculose. No primeiro caso, apesar de “ser a doença mais reportada nos relatórios, há[via] muitas lacunas nas informações sobre as localidades onde aconteciam casos de bexigas e o

---

<sup>69</sup> Synopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1900. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Diretoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro: Typografia da Estatística, 1905, p. XII. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222260>. Acesso em: 18 out. 2017.

<sup>70</sup> REGO, José Pereira. Esboço histórico das epidemias que têm grassado no Rio de Janeiro desde 1830 a 1870. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872, p. 83-90. Disponível em <https://collections.nlm.nih.gov/ext/kirtasbse/63040200R/PDF/63040200R.pdf>. Acesso: 15 set 2017, p. 83-90.

número de enfermos.” (PIMENTA, 2015, p. 157). Para completar, existia exacerbada resistência da população em aceitar a vacinação. A tuberculose, por sua vez, “matava implacavelmente todos os anos e o ano todo, [...], no entanto, nenhum plano de combate à doença foi implementado ao longo de todo o século XIX” (CHALHOUB, 1996, p. 94)<sup>71</sup>, e não devemos deixar de considerar a forte ligação entre tuberculose, escravidão e pobreza, enquanto a mortalidade da febre amarela, sobretudo entre imigrantes, dificultava o forte ideal de embranquecimento da população.

Por fim, restavam ainda muitas enfermidades identificadas como febres, entre elas febre tifoide (chamada também de febre mucosa, perniciososa), febre remitente (conhecida como febre dos mangues ou febre palustre), febre intermitente (sezões ou maleitas) e febre intermitente perniciososa, além do sarampo, da escarlatina, da disenteria, da diarreia e de um vasto cabedal de males que assolaram a cidade por todo o século.

Para combater essas doenças, a população valia-se de numeroso arsenal de práticas, concepções e tratamentos que, em maior ou menor grau, tinham alguma relação com uma visão de mundo que adotava como princípio interpretativo a mútua influência entre o mundo material e o mundo dos espíritos, além das possibilidades de manipulação dessas influências, frequentemente dentro de uma concepção religiosa, para o tratamento das doenças.

A Igreja, com o advento das diversas epidemias que assolaram o Brasil após a década de 1850, convocava seus fiéis a rezarem, fazerem penitência, oferecerem bens ou ações em troca do fim desses males, justificando que tais doenças seriam o resultado da imoralidade, da promiscuidade e do afastamento do homem da Igreja. Diversas “irmandades” esmeravam-se na organização de procissões de penitência a São Roque, a São Sebastião e a outros considerados advogados contra a peste. Além disso, fora do

---

<sup>71</sup> O autor propõe uma forte ligação entre a negligência no combate à tuberculose, doença que dizimava em níveis estáveis a população, sobretudo, negros e escravos; e os esforços para o combate à febre amarela, doença a que os imigrantes eram particularmente sensíveis, como pano de fundo de um ideal de embranquecimento da população.

âmbito epidêmico, o recurso aos santos e a procura por milagres foi recurso amplamente utilizado pela população nos episódios de adoecimento.

Essa relação santo e fiel estaria estruturada sobre duas modalidades básicas: a relação de aliança e a relação contratual. A primeira modalidade, ao ser instituída, não pode ser rompida. O fiel devoto de um determinado santo tem com ele uma relação permanente, como se fosse um apadrinhamento. Cabe ao devoto prestar-lhe culto de uma forma regular, cabendo ao santo proteger o devoto nesta vida e facilitar o seu acesso à vida eterna. A exigência do santo é, antes de tudo, a de devoção e confiança por parte do fiel. Na segunda modalidade, a da relação contratual, estabelece-se um contrato explícito tendo em vista a obtenção de uma graça. Obtida a graça, a parte do santo está cumprida, cabendo ao fiel mostrar o seu reconhecimento pagando a promessa. O que se observa é que, enquanto a relação de aliança é perene, a relação contratual é transitória e se esgota com a obtenção da graça e o pagamento da promessa. (OLIVEIRA, 2008, p. 149).

Já com relação aos terapeutas populares, entre a primeira e a segunda metade do século XIX, houve significativa mudança de atitude por parte das autoridades públicas no que tangia aos ofícios de curar exercidos por esses agentes, incluindo os sangradores. Enquanto na primeira metade da centúria, “os terapeutas populares foram reconhecidos como possuidores de um saber legítimo e autorizados a exercer as suas atividades” (PIMENTA, 1998, p. 352), pelo órgão<sup>72</sup> responsável em regular, autorizar e fiscalizar as atividades de cura no Brasil, já a partir de 1830, estes saberes e práticas sofreram crescentes e intensas ações visando

---

<sup>72</sup> A Fisicatura-mor foi instituída por alvará em 22/01/1810 e sobreviveu até 1828, quando foi extinta pela Assembleia Geral e suas atividades passaram a ser exercidas pelas Câmaras Municipais. A ela cabia fiscalizar e autorizar o exercício da medicina, da cirurgia e da farmácia, licenciando também curandeiros, sangradores, parteiras, e diversas atividades exercidas por práticos que comprovassem, por meio de exames e declarações, saberes necessários ao exercício de suas atividades. Para uma leitura integral do Alvará que cria a Fisicatura-mor. Disponível em: <https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/viewFile/716/707>. Acesso em: 14 fev. 2017.

desautorizar, proibir e até criminalizar quaisquer atividades de cura fora dos âmbitos da medicina oficial.

A relação entre doença e espiritualidade pode ser vista na concepção de doença disseminada pelos cirurgiões negros atuantes no Rio de Janeiro, vinculada, muitas vezes, ao descontentamento de um orixá, de um ancestral ou de um tabu, mas também da enfermidade como algo provocado por um feitiço, ou seja, “como algo estranho instalado no interior do corpo do enfermo e, por conseguinte, a cura consistia em fazer passar o mal para um objeto exterior ao corpo, lançá-lo fora e destruí-lo.” (SOARES, 2002, p. 43–49). Nesse universo perceptivo, ao contrário da medicina, onde saúde é ausência de sintomas mórbidos, o necessário para manter-se saudável era, além do tratamento contra o mal, a sua prevenção através do uso de todo um conjunto de amuletos e talismãs. Os *minkisi*, por exemplo, típicos da cultura bakongo, consistiam em “amuletos pessoais utilizados pelas pessoas para proteger a alma e guardar o corpo contra as enfermidades ou alcançar a cura.” (SOARES, 2002, p. 46).

A esse arsenal terapêutico veio juntar-se, ao longo do século XIX, o mesmerismo, a homeopatia e o espiritismo, práticas que fugiam à concepção materialista da medicina e que, em muitos casos, eram preferidas pela população em detrimento dos dolorosos tratamentos sugeridos pelos médicos, envolvendo, por exemplo, sangrias e vomitórios.

## **O MESMERISMO NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX.**

A implantação de instituições de medicina no Brasil, após a chegada da família real em 1808, conviveu com diversas artes de curar praticadas por pessoas sem habilitação formal, barbeiros, sangradores, curandeiros e parteiras, que desempenhavam ofícios de cura mediante saberes populares, muitos vindos da ancestralidade africana e indígena. Mesmo a criação da Escola Anatômica e Médica do Rio de Janeiro, em 1808, e da Escola de Cirurgia em Salvador, até a transformação de tais instituições em Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Bahia, em

1832, assim como as progressivas ações visando deslegitimar o exercício ilegal da medicina, fizeram com que os curadores populares deixassem de exercer seus ofícios ou perdessem suas clientelas.

A esse conjunto de terapeutas populares, veio juntar-se, a partir da década de 1820, o magnetismo animal, introduzido no Brasil por Leopold Gamard.<sup>73</sup> Em 1824, seu nome foi associado a uma clínica nos arredores do Rio de Janeiro (Casa de Saúde do Morro do Cavallão, em São João d'Icarahy), onde seriam oferecidos “banhos salutareis”, como medida preventiva para as doenças em função do calor abrasador do Brasil. Seis anos depois, construiria outra clínica, dessa vez em Botafogo, onde oferecia tratamentos através do uso de banhos de águas minerais e banhos a vapor alcoólico, capazes de curar desde as moléstias da pele até dores reumáticas e epilepsia.

Gamard contou desde cedo com a propaganda vinculada tanto em *O Spectador* quanto no *Jornal do Commercio*, ambos de propriedade de Pierre Plancher, um “defensor do liberalismo constitucional, dos ideais iluministas e da autoridade ao estilo Napoleão, [que] logo caiu nas graças da elite ilustrada e da proteção de D. Pedro I.” (LACERDA, 2018, p. 97). Além disso, convidava com frequência doutores em Medicina e Cirurgia para assistirem aos benefícios de suas terapias, sugerindo uma estratégia de aproximação com o campo científico, evitando o confronto ou a percepção de competição com o campo médico.

A partir de 1832, quando Gamard transferiu ambas as casas de saúde para um endereço na Rua da Lapa, começaram a surgir as primeiras menções a seus tratamentos usando o magnetismo animal, quando anunciou a cura de uma mulher que sofria de aneurisma no pescoço, “abandonada de outros professores”. Antes desse período, o mesmerismo já era um tema discutido na sociedade do Rio de Janeiro, difundido

---

<sup>73</sup> Joseph-Andrey Leopold Gamard nasceu em 1777, em Amiens, norte da França. Sabe-se pouco sobre sua origem e formação. Até 1810, foi diretor de uma fábrica de tecidos na Bélgica, tendo migrado para os Estados Unidos em 1818 e, em 1823, para o Brasil, quando aparece como 2º médico do Exército Pacificador da Bahia.

mediante “periódicos científicos, como *O Propagador das Ciências Médicas* e jornais de grande circulação, como *O Spectador, Jornal do Commercio* e *Diário do Rio de Janeiro*.” (LACERDA, 2018, p. 100).

No mesmo ano, numa tentativa de obter legitimidade científica para o magnetismo animal como prática de cura, Gamard apresentou a *Memória sobre o Magnetismo Animal* à Sociedade de Medicina. A memória foi rejeitada pelo relator, o médico Augusto Renato Cuissard, alegando que “muitos dos fenômenos magnéticos, como os sonâmbulos, estavam relacionados à disposição do indivíduo às doenças e aos mistérios do sistema nervoso, ainda pouco conhecido pela ciência.” (LACERDA, 2018, p. 106). Além disso, alertava para os perigos à moral pública e para a segurança das famílias, por conta da influência do magnetizador sobre o sonâmbulo.

A rejeição da Academia não influenciou Gamard, que, valendo-se de testemunhas de doentes e familiares, utilizava a imprensa para divulgar seus feitos curativos. “De bexigas, diarreia, aneurisma, lesão no coração, [...], reumatismo, tumores da vulva, faziam parte dos relatos de cura em consultas magnéticas publicadas nos jornais, na tentativa de oferecer uma maior credibilidade ao público leitor.” (LACERDA, 2018, p. 108).

Em meados de 1844, Gamard, já atendendo na concorrida Rua do Ouvidor e atento ao fenômeno das sonâmbulas que se espalhava em Paris, incorporou uma sonâmbula às suas consultas, o que fez as sessões magnéticas dobrarem de valor. Nesse período, o magnetismo já fazia parte das discussões entre as elites e atraía interessados de diversas classes para seus serviços e, na segunda metade do século, as sonâmbulas proliferaram por meio de consultas sem a participação de magnetizadores capazes de chegar ao “sono lúcido”.

A partir de então, Gamard passou a ter que lidar não só com a ampla concorrência, como também com diversas acusações vindas, entre outros, do Dr. José Bento da Rosa, membro honorário da Academia Imperial de Medicina, que questionava a legitimidade do seu licenciamento para o exercício da medicina e até mesmo sua identidade. A polêmica arrastou-se nas páginas do *Jornal do Commercio* e em *A Sciencia*, sem que jamais tenha sido esclarecida a autenticidade de seu licenciamento.

Gamard faleceu em 1846 e, dois anos mais tarde, o médico francês Benoit Jules Mure, introdutor da homeopatia em terras brasileiras, o aclamava como “o patriarca do magnetismo no Brasil, aquele que resistiu e se manteve firme em suas convicções mesmo após ataques contra suas ideias.” (LACERDA, 2018, p. 112).

Em 1861, o *Jury Magnético*, associação sediada no Rio de Janeiro e formada por médicos e farmacêuticos adeptos ao magnetismo animal, encaminhava os estatutos da *Sociedade Propagadora do Magnetismo* e do *Jury Magnético* para autorização do Governo Imperial. A legislação aprovada no ano anterior exigia que toda e qualquer sociedade requisitasse uma autorização de funcionamento ao Conselho do Estado. (LACERDA, 2018, p. 113).

A sociedade recebeu autorização para funcionamento, mas as tentativas de aproximar o magnetismo animal de uma postura científica, sem competição com a medicina, foram cada vez mais esparsas, reflexo da oposição acadêmica no Brasil, mas também do que vinha acontecendo na Europa. Por outro lado, a quantidade de ofertas de cura oferecidas por magnetizadores e sonâmbulas cresceu gradativamente nas páginas dos jornais da Corte<sup>74</sup> em detrimento dos protestos da classe médica.

Nos anos de 1875 e 1876, o médico Gonzaga Filho escreveu uma série de artigos sobre o magnetismo animal na seção de ciências do *Diário do Rio de Janeiro*, obtendo grande repercussão na Corte. Nessa mesma época (1876), o também médico Melo Moraes publicou o trabalho “*Memória Sobre o Fluido Universal ou Éter*”, onde, entre outras coisas, prefigura a ideia de bioeletrogênese, e Dias da Cruz, catedrático de Patologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Ferreira de Abreu, Gama Lobo, e Gonzaga Filho, pesquisaram o magnetismo animal e o seu potencial terapêutico. Percebe-se, portanto, uma grande atividade e interesse na psicoterapia mesmérica, numa época em que a Europa

---

<sup>74</sup> Um panorama de como magnetizadores e sonâmbulas eram vistos na corte imperial e em parte da Europa pode ser encontrado em: (VERONESE, 2013), (VERONESE, 2017), (BARREIROS, 2020).

já abandonara o magnetismo animal e adotava sua versão científica, o hipnotismo de Braid, ainda não conhecido no Brasil.

Entre 1880 e 1887, muitos médicos introduziram a terapia pelo magnetismo animal em suas clínicas, entusiasmados pelos relatos dos colegas. Destacam-se entre estes Calvert, médico da Corte do Rio de Janeiro, Lucindo Filho, em Vassouras, Moraes Jardim, em Barbacena, Sá Leite, em Poços de Caldas, Affonso Alves, na Bahia, e outros. Nesse ínterim, em 1884, Nunes Garcia apresentou seu trabalho “*Memória Sobre o Magnetismo Animal*” na exposição que ele inaugurou na Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O hipnotismo médico, então declarado como psicoterapia sugestiva, foi finalmente introduzido na prática médica brasileira pelo eminente médico carioca Érico Coelho, que apresentou um caso de cura de beribéri pela hipnoterapia sugestiva à Academia Imperial de Medicina. O caso, diagnosticado como tal, devia ser, na realidade, uma histeria conversiva, o que explicaria o sucesso de Coelho. A importância histórica desse evento foi que, pela primeira vez, a psicoterapia foi apresentada e introduzida na medicina brasileira em bases empíricas, marcando, segundo Francisco Fajardo (1896), o ato inaugural deste método terapêutico. A palavra hipnotismo foi usada pela primeira vez, assim como a palavra psicoterapia, e sua prática foi aprovada pela Academia como ato médico legítimo. (CÂMARA, 2017).

## **HOMEOPATIA E ESPIRITISMO**

A homeopatia de Hahnemann surgiu inserida no mesmo cenário que o mesmerismo, quando, na Europa do século XVIII, surgiram diversas teorias envolvendo o tratamento de doenças amparadas nos lentos avanços da química, da física, das ciências naturais, da fisiologia. Utilizando processos experimentais, muitas vezes, tendo os doentes como cobaias e sem praticamente nenhum resguardo em teoria, procuraram explicar a dinâmica do funcionamento dos organismos vivos, em

particular, do corpo humano, seus processos de adoecimento, além de técnicas de tratamento capazes de lhes restabelecer a saúde. Essas teorias, que tinham em seus fundamentos concepções que estavam ligadas ao animismo, ao mecanicismo e ao vitalismo, entre outros, tornaram-se princípios teóricos que fundamentaram o exercício das práticas de cura e lhes davam sustentação.

Entretanto, pretende que o seu sistema seja diferente em tudo dos que constituíam a medicina da época: no método que, ao invés de dedutivo e ilógico, pretende sistematicamente experimentalista; na intervenção terapêutica que, ao invés de empírica e arbitrária porque ousa penetrar no “interior invisível do corpo” do doente à procura da causa primeira da doença, pretende mais prática e de maior eficácia. Finalmente, na própria concepção do processo saúde-doença, que pretende ser mais científica, na medida em que toma como ponto de partida desse processo o homem como totalidade indissociável, o indivíduo doente, e não partes desse indivíduo atingidas por alguma patologia que as invade (LUZ, 1996, p. 52).

Em comparação com a medicina alopática<sup>75</sup>, que já em meados do século XIX só trataria de doenças do ponto de vista biológico, a homeopatia conceberia a doença como um desequilíbrio “particular” na totalidade biopsíquica do paciente. Desequilíbrio, pois representaria uma perturbação da força vital, particular, porque cada indivíduo que adoecer de uma morbidade qualquer “adoecerá de acordo com sua história biológica, psíquica, familiar, sexual, temperamental, caracteriológica etc. E é o caráter singular dessa história que interessa à clínica homeopática.” (LUZ, 1996, p. 53). Além disso, para a medicina, que estava se constituindo cada vez mais com o funcionamento material do corpo e afastando-se de quaisquer teorias metafísicas, seria impossível conviver com um sistema de cura que, embora compartilhasse conhecimentos

---

<sup>75</sup> O termo alopatia foi introduzido em 1810 por Christian Friedrich Samuel Hahnemann para descrever as técnicas de tratamento empregadas pela medicina e que seguiam o princípio “Contraria contrariis curantur” que seria oposto ao “Similia similibus curantur”, base terapêutica da homeopatia. Ver: (HAHNEMANN, 2001).

comuns em anatomia e fisiologia, propunha terapêuticas completamente diferentes, atribuindo a causa das doenças ao desequilíbrio em um elemento imaterial, a força vital.

Sob esse aspecto, a ligação entre mesmerismo, homeopatia e espiritismo se deu, justamente, pela resignificação que a doutrina espírita deu à força vital. Desta forma, enquanto para a homeopatia “a força vital, princípio não-material que sustenta a vida humana, [seria] responsável pelo equilíbrio orgânico que se traduz em saúde” (SIGOLO, 1999, p. 46), o espiritismo teria feito uma releitura da teoria hahnemanniana “aproximando as noções de força vital com a de perispírito” (SIGOLO, 1999, p. 33). Esta aproximação não impediu que tais concepções iniciais, presentes nos documentos que inauguraram cada uma dessas doutrinas, tenham sofrido modificações pelos seus seguidores ao longo do tempo. Com relação à doutrina espírita, é preciso considerar que Kardec era não só conhecedor, como praticante do Magnetismo. Sua admiração pelo Marquês de Puységur, por Charles d’Eslon<sup>76</sup> e por François Deleuze<sup>77</sup>, por conta dos novos rumos que empreenderam ao magnetismo, resultando na descoberta do sonambulismo provocado, foi mais de uma vez mencionada. Segundo

---

<sup>76</sup> Charles d’Eslon nasceu no ano de 1750. Estudou medicina em Besançon e Paris. A partir de 1778, tornou-se seguidor e defensor das teorias do magnetismo animal. Como Mesmer, d’Eslon também alegava curar doenças magnetizando, publicando diversos livros sobre o assunto, a partir de 1780 até 1782. Sua obra mais importante é, provavelmente, *Observations sur Le magnétisme animal (Observações sobre o magnetismo animal)*, editado em 1780. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Deslon](https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Deslon). Acesso em: 14 ago. 2017.

<sup>77</sup> Joseph Philippe François Deleuze, discípulo direto de Mesmer. Foi seguidor dos ensinamentos de Mesmer e do Marquês de Puységur. Acompanhado deste, estudou também a hipnose e a sugestão pós-hipnótica. Deixou diversas obras sobre o magnetismo, entre elas: *História crítica do magnetismo animal*, em dois volumes; *Instruções práticas sobre o magnetismo animal, acompanhada de uma carta escrita ao autor por um médico estrangeiro*, reimpressa em 1836; Carta endereçada aos membros da Academia de Medicina, sobre o caminho a ser seguido para introduzir a opinião pública a respeito da realidade do magnetismo animal, obra disponível na Gallica. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7ois\\_Deleuze](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7ois_Deleuze). Disponível em: 14 ago. 2017.

relatou, desde 1823 (WANTUIL, 1979, p. 102) interessara-se pelo magnetismo, seu estudo e sua prática, lendo tanto as obras que divulgavam o magnetismo quanto aquelas que se opunham à técnica. Portanto, não é surpresa que na construção da doutrina tenha se valido diversas vezes do magnetismo, colocando-o como precursor da doutrina.

O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e o rápido progresso desta última doutrina se deve, incontestavelmente, à vulgarização das ideias sobre a primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas não há mais que um passo; tal é sua conexão que, por assim dizer, torna-se impossível falar de um sem falar do outro. Se tivéssemos que ficar fora da ciência magnética, nosso quadro seria incompleto e poderíamos ser comparados a um professor de física que se abstivesse de falar da luz. Todavia, como entre nós o magnetismo já possui órgãos especiais justamente acreditados, seria supérfluo insistirmos sobre um assunto tratado com tanta superioridade de talento e de experiência; a ele, pois, não nos referiremos senão acidentalmente, mas de maneira suficiente para mostrar as relações íntimas entre essas duas ciências que, para dizer a verdade, não passam de uma (REVISTA ESPÍRITA, 1858, p. 149).

Ainda assim, é surpreendente que, em função da importância que a Homeopatia desempenhou no processo de consolidação do Espiritismo, sobretudo no Brasil, em toda a codificação kardequiana não há uma única menção ao termo “homeopatia”. Nem sequer nas obras periféricas à codificação, como em *O que é o Espiritismo e Obras Póstumas*<sup>78</sup>, o termo não é usado em nenhuma ocasião. Mesmo na *Revue Spirite*, entre 1858 e 1869, a homeopatia foi discutida com pouquíssima frequência<sup>79</sup> e sempre apresentada como precursora de princípios que seriam aprofundados mais tarde pela doutrina espírita, numa relação mútua que incluiria também o magnetismo animal, proposto por Franz Anton Mesmer. É possível

---

<sup>78</sup> *Obras Póstumas* foi publicada em 1890, com fragmentos de textos deixados por Kardec após sua morte em 1869.

<sup>79</sup> Nos anos de 1861, 1862, 1865, 1866, 1868 e 1869 não há menção à homeopatia.

que esta ausência tenha ocorrido por Kardec ter procurado “aproximar elementos que considerava semelhantes e diferenciar-se de uma visão considerada materialista.” (WEBER, 2013, p. 67).

Na edição de novembro de 1858, na sessão intitulada *Conversas Familiares de Além Túmulo*, o Dr. Muhr, espírito, morto no Cairo em 4 de junho de 1857, e apresentado como, em vida, tendo sido médico homeopata, quando perguntado sobre o que pensava após morto sobre a homeopatia, esclareceu que “a homeopatia é o começo das descobertas dos fluidos latentes.” (REVISTA ESPÍRITA, 1858, p. 463). Depois disso, a homeopatia só retornaria às páginas do periódico em 1863 mediante dois artigos, ambos escritos por Kardec. No primeiro, *Jean Reynaud e os Precursores do Espiritismo*, a homeopatia é apresentada como um elemento evolutivo de técnicas anteriores, mas, de alguma forma, ligada, ou influenciada, pela espiritualidade. Diz o artigo:

O magnetismo foi o primeiro passo para o conhecimento da ação perispiritual, fonte de todos os fenômenos espíritas; o sonambulismo foi a primeira manifestação do isolamento da alma. A frenologia<sup>80</sup> provou que o organismo cerebral é um teclado a serviço do princípio para a expressão de diversas faculdades; contrariamente à intenção de Gall, seu fundador, que era materialista, ela serviu para provar a independência do Espírito e da matéria. A homeopatia, provando o poder da ação da matéria espiritualizada, liga-se ao papel importante que representa o perispírito em certas afecções; ataca o mal em sua própria fonte, que está fora do organismo, cuja alteração é somente consecutiva. Tal a razão pela qual a homeopatia triunfa numa imensidade de casos em que fracassa a medicina ordinária: mais que esta, ela considera o elemento espiritualista, tão preponderante na economia, explicando a facilidade com a qual os médicos homeopatas aceitam o Espiritismo porque a maioria

---

<sup>80</sup> Frenologia foi uma teoria desenvolvida pelo médico alemão Franz Joseph Gall por volta de 1800 e que reivindicava conseguir determinar o caráter, a personalidade e o grau de criminalidade de um indivíduo pela forma da cabeça. Apesar de destituída como ciência, ao longo do século XIX teve razoável influência na área médica.

dos médicos espíritas pertence à escola de Hahnemann. Finalmente, até as recentes descobertas sobre as propriedades da eletricidade, não há quem não tenha vindo trazer seu contingente na questão que nos ocupa, lançando a sua quota de luz sobre o que se poderia chamar a fisiologia dos Espíritos. (REVISTA ESPÍRITA, 1863, p. 319).

No segundo artigo, nada mais que Samuel Hahnemann, espírito, compareceu a uma sessão mediúmica e esclareceu que a homeopatia seria ajudada pelo espiritismo que “lhe será poderoso auxiliar; graças a ele, ela abandonará a tradição materialista que, durante tanto tempo, lhe retardou o desenvolvimento.” (REVISTA ESPÍRITA, 1863, p. 351).

Por fim, em 1867, via dois artigos publicados respectivamente nos meses de março e junho, foi discutida a possibilidade do tratamento das *doenças morais*<sup>81</sup> com o uso da homeopatia. Vale frisar que nesses artigos, muito mais especulativos que explicativos, o autor se utilizou de princípios advindos da frenologia e apresentados como de conhecimento da comunidade médica.

Hoje é reconhecido que certas partes do cérebro têm funções especiais sendo afetadas por uma ordem particular de pensamentos e de sentimentos, pelo menos no que concerne à generalidade; é assim que se colocam, instintivamente, na parte anterior, as faculdades do domínio da inteligência, e que uma fronte fortemente deprimida e estreitada é, para todo o mundo, um sinal de inferioridade intelectual. As faculdades afetivas, os sentimentos e as paixões se acham, por isto mesmo, como tendo sua sede em outras partes do cérebro. (REVISTA ESPÍRITA, 1867, p. 100).

As discussões sobre o tema concluíram que a homeopatia não seria eficaz no tratamento de tais males, uma vez que “o germe das disposições viciosas” já estaria preexistente nas imperfeições do espírito, sendo

---

<sup>81</sup> A expressão “doenças morais” se refere a um vasto campo de transtornos e atitudes enquadrados como de responsabilidade moral do paciente. Nesse grupo se incluía desde o alcoolismo até os transtornos psiquiátricos, passando pela homossexualidade, a mendicância e as manias de forma geral. Sobre o tema e dentro de uma ótica espírita, ver (MENEZES, 1989).

que o desenvolvimento dos órgãos cerebrais acompanharia o movimento que aí se opera” (WEBER, 2013, p. 72). Ainda assim, os medicamentos homeopáticos poderiam ser usados na loucura patológica, decorrente de dano ou mal funcionamento do cérebro, porque a desordem moral seria fruto do problema físico.

Chegando ao Brasil cerca de vinte anos antes do Espiritismo, tanto por aqui quanto na Europa, o desenvolvimento da homeopatia não obedeceu de forma alguma a uma trajetória linear, pelo contrário, seu caminho foi marcado por disputas e confrontos entre homeopatas e alopatas e mesmo entre os próprios homeopatas, por conta de diferentes linhas adotadas para o exercício de sua ciência. Quanto à aproximação com o espiritismo, esta ocorreu muito mais por parte dos espíritas e de seus seguidores, alguns homeopatas, do que propriamente da homeopatia com a doutrina espírita.

No período que vai de 1840, ano da chegada de Benoit Mure<sup>82</sup> ao Brasil, a 1860, ano em que se formaram os primeiros grupos espíritas no Rio de Janeiro, veremos que, enquanto os seguidores da Homeopatia desenvolveram diversas ações para implantarem-se como atividade de cunho científico capaz de curar, sobretudo através da propaganda, promovendo “grandes debates e polêmicas [...] na Academia de Medicina, nas escolas médicas existentes, nos poderes públicos [...], na sociedade civil, [e]

---

<sup>82</sup> Benoît Jules Mure é considerado um dos introdutores e grande incentivador da homeopatia no Brasil, sendo também apresentado como Bento Mure. Filho de ricos comerciantes de seda de Lyon, em 1833, Benoît Mure foi acometido de tuberculose e salvo pelo médico homeopata Conde Sebastien Gaeten Salvador Maxime Des Guidi (1769 – 1863), discípulo de Samuel Hahnemann, o primeiro homeopata da França e introdutor da homeopatia em Lyon. Após a cura, dedicou-se ao estudo da homeopatia, formando-se em Montpellier, uma escola de medicina de tradição vitalista. Teve contato com Hahnemann em Paris e com ele manteve correspondência. Aderiu ao movimento fourierista e decidiu vir para o Brasil a fim de implantar um projeto de colonização de acordo com o ideário de Fourier. Fracassado o seu projeto, transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1843, fundando aí o Instituto Homeopático do Brasil, do qual foi presidente até 1848. Em 13 de abril de 1848, Mure regressou à Europa. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Beno%C3%A9t\\_Jules\\_Mure](https://pt.wikipedia.org/wiki/Beno%C3%A9t_Jules_Mure). Acesso em: 13 jan. 2018.

junto aos segmentos polares da sociedade, isto é, “ricos” e “pobres” (LUZ, 1996, p. 27), o Espiritismo ainda dava seus primeiros passos na Europa.

No combate à homeopatia, a medicina acadêmica, enrincheirada nas Faculdades de Medicina e na Academia Imperial de Medicina, elegeram os homeopatas como os verdadeiros charlatões a serem combatidos, procurando limitar os espaços institucionais desses saberes e práticas concorrentes, mas não só esses, em periódicos e jornais, na produção de teses acadêmicas ou por meio de legislação e normas, obtidas junto à Corte e à Câmara Legislativa. Esse combate se deu de múltiplas formas, seja através da desqualificação pessoal, classificando os pioneiros da homeopatia no Brasil, Benoit Mure e João Vicente Martins, na categoria de “estrangeiros”, categoria esta que gozava de profunda aversão por parte da população no Brasil da década de 1840, período da Praieira, mas também como indivíduos de hábitos indesejáveis, moral duvidosa, que professavam crença política condenável. Além disso, infringiam a lei de 3 de outubro de 1832, que conferia às faculdades de medicina o monopólio na distribuição de diplomas de médicos e cirurgiões, medidas que, em seu conjunto, tinham o objetivo de limitar os espaços institucionais e o mercado de trabalho. A homeopatia, por sua vez, desenvolveu estratégias de legitimação, das quais as mais importantes foram:

Institucionalização da homeopatia através do reconhecimento legal do ensino homeopático; reconhecimento da homeopatia pela Academia Imperial de Medicina através do debate científico, ou pelo menos de aceitação dos homeopatas como legítimos interlocutores; fundação de clínicas, hospitais e dispensários homeopáticos, onde se pudesse exercer a prática médica e comprovar (ou negar) a eficácia terapêutica da homeopatia, através da experiência clínica; propaganda de agitação popular, “convertendo” os possíveis pacientes à verdade da homeopatia; formação de farmacêuticos e leigos em cursos de curta duração para que exercessem a prática homeopática, [...] divulgação dos “milagres” da homeopatia (curas operadas em casos considerados perdidos pela medicina oficial) pelos pacientes em órgãos de imprensa e entre amigos; conversão de médicos alopatas à homeopatia; atenção médica gratuita

para a população pobre; [...] e talvez aqui resida a arma de institucionalização mais importante: a fundação dos Institutos de Homeopatia (LUZ, 1996, p. 65).

Todavia, a disputa dos homeopatas pelos espaços institucionais e mercado de trabalho não ocorreu somente com os médicos, dando-se também entre os próprios homeopatas. Já na década de 1840, portanto, no início da instalação da homeopatia no Brasil, foram produzidos acirrados combates, distinguindo-se os seguidores de Hahnemann em dois grupos distintos: de um lado, os puros, liderados por Benoit Mure e João Vicente Martins, que defendiam uma homeopatia totalmente fiel aos preceitos do mestre fundador, com escolas de formação, currículos e estrutura próprias, como foi o caso do Instituto-Escola Homeopático do Brasil, fundado no Rio de Janeiro, em 1843, que trabalhasse em proveito das classes pobres e que mantivesse a firme convicção de que a homeopatia poderia ser exercida por pessoas sem formação médica oficial, sem distinção de origem social ou base cultural anterior, sociabilizando o saber homeopático e combatendo o monopólio da medicina oficial no campo da cura. De outro lado, aqueles que formaram a primeira dissidência entre os homeopatas, liderados pelos Drs. Émile Germon e Domingos de Azeredo Duque Estrada, defensores da aproximação com a medicina, da criação de cadeiras de ensino de homeopatia nas escolas médicas já existentes e que abominavam a possibilidade de “leigos”, “de pessoas pertencentes às classes mais ínfimas da sociedade” (LUZ, 1996, p. 107), sem formação médica, exercerem o ofício.

De qualquer forma, e mesmo com o enfrentamento de sérias divergências, a homeopatia conseguiu se desenvolver e se implantar no Brasil. Em sua trajetória, foi cooptando seguidores oriundos da medicina oficial, penetrando em diversos povoados pelo interior e cidades do Império, contando com o apoio de padres e fazendeiros. Assim, conseguiram abrir enfermarias na Beneficência Portuguesa, em 1850, e na Santa Casa da Misericórdia, durante o surto de febre amarela de 1873. Mesmo com divisões internas, que resultaram na separação da Academia Médico-Homeopática, criada em oposição ao grupo de Benoit Mure, e o surgimento da

Academia Homeopática do Rio de Janeiro, em 1851, fundaram, em 1859, o primeiro Instituto Hahnemanniano do Brasil<sup>83</sup>, e legitimaram uma “arte de curar” em franca oposição à medicina oficial, onde se sobressai uma:

1) Medicina dos doentes individuais, por oposição a uma medicina das doenças; 2) Exame clínico cujo diagnóstico, prognóstico, semiologia, sintomatologia, terapêutica e doses medicamentosas se baseiam na escuta do discurso do paciente, solicitado a se exprimir exaustivamente no interrogatório, em oposição ao olhar classificador e interventor do médico sobre o corpo do paciente, através da prática do exame físico e da classificação de sintomas, em busca de lesões, no quadro analítico das patologias produzido pelo conhecimento biomédico. Trata-se, portanto, de uma clínica do ouvir, que se opõe a uma clínica do olhar; 3) Medicina dos quadros sintomáticos, isto é, uma medicina morfológica, gestáltica, por oposição a uma medicina etiológica; 4) Personificação de doses e de medicamentos em função do quadro sintomático individual, por oposição à generalização de doses e medicamentos específicos em função de patologias específicas; 5) Dinamização de doses das substâncias medicamentosas ao nível infinitesimal, por oposição às doses quimicamente concentradas para serem eficazes na cura de patologias específicas; 6) Experimentação de doses e medicamentos no homem são, por oposição às experiências em doentes e em cobaias; 7) Finalmente, a mais clara oposição: o (medicamento) semelhante pode curar o (conjunto sintomático) semelhante, contrariamente a uma medicina de combate ao inimigo patológico por um agente químico, constituído de propriedades contrárias às do inimigo, capaz de matá-lo, ou de trazê-lo para fora, através do suor, da inflamação local, da febre, do vômito (LUZ, 1996, p. 96).

Mesmo no curto intervalo entre 1857, ano de publicação da obra espírita seminal, *O Livro dos Espíritos*, e 1861, quando Casimir Leithaud e um pequeno número de franceses formou um grupo de experimentações

---

<sup>83</sup> O Instituto foi fundado em 1859, tendo à frente os Drs. Jacintho Rodrigues Pereira Reis, Joaquim José da Silva Pinto, Saturnino Soares de Meireles “em companhia de outros vinte senhores”, sendo vários deles, não doutores. Ver LUZ (1996, p. 122).

espíritas na Corte, a homeopatia já conseguira avanços significativos em relação às suas atividades na sociedade, avanços esses conquistados à custa de diversos embates e que resultaram na constituição de periódicos, autorização para o exercício de suas atividades, constituição de escolas de formação e razoável aceitação por parte da população. Além disso, é preciso considerar que seus precursores, Benoit Mure, francês, e João Vicente Martins, português, não demonstravam nenhum tipo de ligação religiosa ou mesmo percepção espiritual a respeito do mundo. Ao contrário, os ideais anarquistas do primeiro levaram-no inicialmente à tentativa de implantação de uma comunidade Fourierista no sul do país, característica essa diversas vezes utilizada pelos adversários da homeopatia nas várias tentativas de difamar tanto a homeopatia quanto seus implantadores.

Ainda assim, alguns dos escritores do espiritismo, como Canuto Abreu, Zeus Wantuil e Francisco Thiessen tentaram apresentar um período em que a doutrina ainda nem havia surgido na Europa, entre 1840 e 1860, como o período inicial de consolidação do espiritismo no Brasil, alegando estes que:

O grupo espírita mais antigo, que se teria reunido no Rio de Janeiro, foi o de Melo Moraes, homeopata e notável historiador. Isto se teria dado antes de Kardec, por volta de 1853, segundo uma tradição, que o Reformador de 1 de maio de 1883 registrou. Frequentavam esse grupo o Marquês de Olinda, o Visconde de Uberaba, o General Pinto e outros vultos notáveis da época. (ABREU, 1987, p. 26).

A partir da década de 1860, quando o espiritismo chegou ao Brasil, a Homeopatia, impedida de atuar nas esferas institucionais, hospitais públicos e faculdades, concentrou sua atuação na propaganda jornalística, na qual os artigos no *Jornal do Commercio* ganharam destaque. Com matérias que propagandeavam “a criação de escolas e enfermarias, a cobertura de eventos e conferências promovidas, relatos de curas de pessoas importantes, o desenvolvimento da homeopatia no Brasil e no exterior, e a divulgação de fórmulas, instruções e receitas de seu uso” (LUZ, 1996, p. 126), os homeopatas mantiveram presente na sociedade as ideias de Hahnemann.

De outro lado, registra-se fundar associações homeopáticas em outras províncias, [...] parecendo realmente correto o fato de que a Homeopatia, principalmente via manuais e caixas de botica, ia cada vez mais se popularizando, penetrando principalmente nas camadas da população que se encontravam completamente desassistidas. (NOVAES, 1989, p. 241).

Em 1876, surgiria um novo centro de homeopatas, o Instituto Hahnemanniano Fluminense, criado por Duque-Estrada, com o objetivo de desenvolver atividades associativas, culturais e científicas. Foi esse instituto que se transformou no porta-voz do movimento e que encaminhou, em 20 de janeiro de 1881, uma solicitação ao Imperador solicitando a criação de duas cadeiras de homeopatia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O pedido foi veementemente negado pela faculdade, em face dos seguintes posicionamentos produzidos sobre a homeopatia por uma comissão constituída para esse fim:

a) a homeopatia não é um sistema médico científico; b) a lei de semelhança é contrária a experiências feitas por homens insuspeitos e que tiveram que estudar o novo sistema; c) a terapêutica homeopática é um absurdo e seus efeitos só podem se dar pela ação da imaginação ou pela adoção de medidas higiênicas e, ainda, que, se todos os homeopatas então existentes assim se transformaram sem o concurso de professores e lições regulares, não havia necessidade das cadeiras pretendidas (NOVAES, 1989, p. 242).

Quanto aos espíritas, na década de 1870, iniciou-se um maior movimento de instalação e consolidação de grupos espíritas no Rio de Janeiro. Nesses grupos, a preocupação com questões relacionadas à saúde, física e mental, era parte permanente do seu conjunto de preocupações, teóricas e práticas. As ações de cura, em particular, configuraram-se como o grande elemento comum a diversos grupos, independentemente de seu posicionamento científico, filosófico ou religioso, e nessas ações, duas práticas foram permanentemente utilizadas: a recorrência a espíritos, tanto no processo de diagnóstico quanto na indicação da terapêutica, e o uso de remédios homeopáticos.

Em relação ao uso da homeopatia pelos espíritas, devemos considerar que, do ponto de vista da prática homeopática, a entrevista com

o paciente se constitui em um processo detalhado e demorado. Hahnemann deixou minuciosas e rigorosas instruções para a anamnese e para o “exame clínico do paciente, como as de se evitar interromper o relato do mesmo, não fazer perguntas que induzam à resposta viciada, averiguar seus hábitos, condições de vida, etc.; sempre investigando os mínimos detalhes” (BESSA, 1994, p. 27). No entanto, nos grupos espíritas, havia uma participação importante da comunicação dos espíritos no processo de diagnóstico, o que diminuiria o papel da entrevista em favor do posicionamento desses espíritos. Casos frequentemente repetidos nos relatos dos espíritas demonstram que muitas vezes o paciente nem sequer era levado à consulta, como ocorreu com Adolfo Bezerra de Menezes e sua esposa.<sup>84</sup> Além disso, esse não era somente um processo que visasse fornecer informações ao homeopata sobre as possíveis causas da doença que afetasse o paciente. Como a homeopatia não se propõe a tratar a doença, mas o doente, esse arsenal de informações deveria ser usado pelo médico para o paciente realizar uma mudança de vida.

Em segundo lugar, no processo de prescrição do medicamento, caberia ao homeopata pesquisar uma substância que fosse capaz de “dentre todos os outros, ter o poder e propensão de produzir um estado mórbido artificial, o mais semelhante ao caso de doença em questão.” (BESSA, 1994, p. 29). Para chegar a esse medicamento, o médico deveria realizar experiências em pessoas não doentes, preferencialmente o próprio médico, sabedor de cada uma das etapas de observação, a fim de determinar o tipo de medicamento, quantidade e posologia. Aplicada a medicação, caberia ao homeopata um cuidadoso acompanhamento a

---

<sup>84</sup> O médico e político Adolfo Bezerra de Menezes revelou que, no final da década de 1870, foi tratado pelo médium João Gonçalves de um problema gástrico para o qual não obtivera resultado mesmo recorrendo a diversos médicos da Corte. No início da década de 1880, o mesmo médium realizou o tratamento de sua esposa, diagnosticada com tuberculose. Em ambos os casos, somente o primeiro nome dos pacientes teria sido levado ao médium pelo sobrinho de Adolfo, Maia de Lacerda. Ver MARQUES (2015, p. 162–163).

fim de estabelecer a eficácia do medicamento aplicado, o aparecimento de novos sintomas e o desenvolvimento do tratamento.

Nos atendimentos realizados pelos espíritas, no entanto, essas etapas teriam sido substituídas em favor do diagnóstico e prescrições de tratamento dados pelos espíritos, de modo que, embora a memorialística espírita confirme que a medicação utilizada tivesse conteúdo homeopático, sendo muitas vezes manipulada em farmácias voltadas para esse fim, não se pode dizer que em todo processo houvesse realmente um “tratamento homeopático”, pelo menos não no sentido que Hahnemann prescrevera.

Por outro lado, ao admitir que pessoas sem formação médica, como eram dezenas de médiuns na Corte Imperial, pudessem atuar nas casas espíritas no tratamento aos doentes, aproximava-se tal prática do desejo de Hahnemann e dos primeiros homeopatas do Brasil, no sentido de popularizar o processo de tratamento via homeopatia, retirando-o dos domínios da medicina oficial.

Temos assim, de um lado, a homeopatia tentando consolidar-se como doutrina científica e sendo tenazmente combatida pela classe médica que se utilizou de diversos argumentos e ações, científicas, ou não, para impedir sua prática. Nesse contexto, para a classe médica, o mais intolerável era:

[...] a adesão que as terapias homeopáticas obtinham na população, particularmente nos círculos mais elevados da sociedade. A homeopatia era não somente mais acessível às camadas mais pobres, que os homeopatas procuravam atender gratuitamente, mas também mais assemelhada às práticas curativas populares e uma bem-vinda alternativa às sangrias, purgas, vomitórios, sanguesugas e outros métodos agressivos da terapêutica oficial. (COELHO, 1999, p. 127).

De outra parte, a medicina tenta consolidar-se não só como único campo capaz de curar, mas também mostrando-se disposta a interferir na

sociedade, em seus hábitos, legislação e estrutura. Essa intenção, no entanto, nunca se consolidou, nem como campo hegemônico de cura, haja vista a enorme diversidade de opções que a população dispunha e procurava, nem em sua capacidade de propor ações governamentais que viessem ao encontro de suas intenções. Aliás, a Academia Imperial de Medicina nutria um persistente inconformismo com sua “exclusão da feitura das leis de saúde pública, com as alterações que a Câmara dos Deputados introduzia em suas propostas, com a lentidão e o formalismo dos ritos processuais da justiça, com a inflexibilidade da lei” (COELHO, 1999, p. 128).

Por fim, temos a ligação entre espiritismo e homeopatia, ambas doutrinas combatidas pela medicina, contestando suas verdades “científicas”, mas que entendiam o corpo dentro de uma perspectiva que ia além da matéria, consagrando de formas diversas a existência de um “princípio vital”, que atestaria a existência de um ser criador.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

O processo de ligação entre homeopatas e espíritas foi fruto, tanto na Europa quanto no Brasil, da apropriação pelos últimos de algumas concepções constituídas pelos primeiros. Os homeopatas nunca se valeram de qualquer princípio defendido pelos espíritas para fundamentar sua ciência, pelo contrário, já no final do século XIX começariam um longo processo de separação e desvinculação entre homeopatia e espiritismo, embora em diversas partes do Brasil o remédio homeopático continuasse sendo utilizado em diversas entidades espíritas para o tratamento de doenças.

Nesse contexto, os espíritas substituíram a anamnese recomendada por Hahnemann pelo diagnóstico realizado por espíritos, muitas vezes, sem a necessidade da presença do doente, aboliram a experimentação do remédio, visando provocar os mesmos sintomas que a doença no terapeuta, e relegaram a prática de cura à prescrição de remédios homeopáticos, substituindo a abordagem e o tratamento individualizados típicos da homeopatia, pela distribuição de frascos e misturas fornecidas

por farmácias, constituindo este tratamento, em vez de homeopatia, um espiritismo homeopático.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes** (Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895). São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1987.

BARREIROS, Bruno. **Pluralismo e dissensão**: o magnetismo animal em debate no Portugal de meados de oitocentos. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.27, n.2, abr.-jun. 2020.

BESSA, Marcos. **Filosofia da Homeopatia**: Análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba/PR: Aude Sapere Editora, 1994.

CAMARA, Fernando Portela. **O magnetismo animal no Brasil**: pré-história da psiquiatria brasileira. Psychiatry on line Brasil. v.22, nov.2017. Disponível em <http://www.polbr.med.br/ano13/cpc0213.php>. Acesso em: 16 ago. 2019.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COELHO, Edmundo Campos. **As profissões imperiais**: medicina, engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro (1822–1930), São Paulo: Record, 1999.

HAHNEMANN, Christian Friedrich Samuel. **Organon da Arte de Curar**. São Paulo: ROBE, 2001.

LACERDA, Danielle Christine Othon. **Saberes Ocultos no Brasil Império**: a arte da cura pelo magnetismo animal e a busca pela legitimidade. Revista História e Cultura, UNESP/SP, v.7, n.2 (2018).

LUZ, Madel Terezinha. **A arte de curar versus a ciência das doenças**: história social da homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996.

MARQUES, Marcos Moreira. **A cura do corpo, da cidade e da alma**. Medicina, política e espiritismo em Adolfo Bezerra de Menezes. Salvador/BA: Sagga Editora, 2019.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores escravizados e livres na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX**. Revista Rio de Janeiro, n. 12, jan.-abr./2004.

MENEZES, Adolfo Bezerra de. **A loucura sob novo prisma**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1989.

NOVAES, Ricardo Lafeté. **O tempo e a ordem**: sobre a homeopatia. São Paulo: Cortez, 1989.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção Negra: Santos pretos e catequese no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008.

PIMENTA, Tânia Salgado; BARBOSA, Keith; KODAMA, Kaori. A província do Rio de Janeiro em tempos de epidemia. Vitória/Espírito Santo: **Dimensões**, vol. 34, 2015.

PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiros-sangradores e curadores no Brasil (1808–28). **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, vol. V(2): 349–72, jul.-out., 1998.

SIGOLO, Renata P. Em busca da ciência médica: a medicina homeopática no início do século XX. Curitiba: **Tese de Doutorado**. Universidade Federal do Paraná – UFPR, 1999.

SOARES, Márcio de Sousa. Cirurgiões negros: saberes africanos sobre o corpo e as doenças nas ruas do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XIX. **Locus**, Juiz de Fora/MG, vol. 8, n. 2 (2002).

VERONESE, Michelle. **Médiuns, magnetizadores e sonâmbulas no Brasil do século XIX**. Revista Nures, ano IX, n. 24, mai.-ago., 2013.

VERONESE, Michelle. Magnetizadoras, sonâmbulas e médiuns: as ousadas brasileiras do século XIX e o caldeirão de práticas que influenciaram o espiritismo. **Religare**, v. 14, n. 1, agosto de 2017.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec** (Meticulosa pesquisa bibliográfica), vol. 1. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1979.

WEBER, Beatriz Teixeira. Medicina Intuitiva, Homeopatia e Espiritismo na Revue Spirite (1858–1869), **Revista Territórios e Fronteiras**. Cuiabá, vol.6, n.2, jul.-dez., 2013.

## **FONTES:**

**Jornais** (todos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional):

A Sciencia;

Diário do Rio de Janeiro;

Jornal do Commercio; O Propagador das Ciências Médicas;  
O Spectador;  
Reformador.

## **FONTES PRIMÁRIAS:**

KARDEC, Allan. **REVISTA ESPÍRITA**, 1858. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, s.d. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fwww.febnet.org.br%2Fba%2Ffile%2FDownlivros%2Frevistaespirita%2FRevista1858.pdf&clen=4637816&chunk=true>. Acesso em: 21 abr. 2019.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**, 1863. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, s.d. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fwww.febnet.org.br%2Fba%2Ffile%2FDownlivros%2Frevistaespirita%2FRevista1863.pdf&clen=1599709&chunk=true>. Acesso em: 25 mai. 2019.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**, 1867. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, s.d. Disponível em <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fwww.febnet.org.br%2Fba%2Ffile%2FDownlivros%2Frevistaespirita%2FRevista1867.pdf&clen=1600672&chunk=true>. Acesso em: 14 set. 2019.

**Recenseamento da República dos Estados Unidos do Brazil** em 31 de dezembro de 1890. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Diretoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1895, p. XIV. Disponível em [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or6397/or6397.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or6397/or6397.pdf). Acesso em: 15 out. 2017.

REGO, José Pereira. **Esboço histórico das epidemias que tem grassado no Rio de Janeiro desde 1830 a 1870**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872, p. 83-90. Disponível em <https://collections.nlm.nih.gov/ext/kirtasbse/63040200R/PDF/63040200R.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.